

A ALTERNÂNCIA ENTRE NÓS E A GENTE E A CONCORDÂNCIA VERBAL NO CINEMA BRASILEIRO: UMA ANÁLISE POR GÊNEROS FÍLMICOS

FRANCESCO MORLEO

UNIVERSITÀ DEL SALENTO - UNIVERSITÀ DEGLI STUDI DI NAPOLI L'ORIENTALE

Abstract – It is common knowledge and prescribed in all normative Portuguese grammars that the verb must agree in number and person with its subject, whether the latter is superposed or postponed to the verb. The lack of agreement between subject and verb (*concordância verbal variável*) is seen by users with a scholastic education as being wrong and linked to the poorest social strata, that is, with a low or zero level of education. However, cases of lack of agreement are not uncommon in informal speech of users with medium or high levels of education. This dichotomy between linguistic norms and orality, and its perception by the Brazilian population (i.e. lack of agreement as a sign of a lower educational and social level) can be verified also in the artistic reproduction, namely in the filmic dialogues of Brazilian national cinema, where verbal agreement variation is used to typify characters with little or no education. This paper will attempt to analyse how this linguistic phenomenon is interpreted by film discourse, i.e. a reproduction of orality. First, the linguistic issue will be presented, that is, the agreement and the lack of it in some registers of Brazilian Portuguese, and a brief presentation of the type of data on which this research was conducted (filmic dialogues from Brazilian films). Then, cases of variable verbal agreement (hereafter CVV) of the first plural person (hence 1PP) will be presented. In this perspective, the analysis of the alternation of use between two pronominal forms in subject function for the 1PP will be considered as a possible cause for the variation of verbal agreement between verb and subject with the 1PP. The approach adopted in this research brings together the variational studies and tools of Corpora Linguistics in an attempt to offer a critical view of the linguistic choices involved in film production.

Keywords: filmic discourse; Sociolinguistics; verbal agreement; Brazilian cinema.

1. Introdução

É do conhecimento comum e também prescrito em todas as gramáticas normativas que o verbo deve concordar em número e pessoa com o seu sujeito, esteja este anteposto ou posposto ao verbo (cf. Cunha, Cintra 1985). A falta de concordância é vista pelos usuários escolarizados como algo errado e ligado às camadas sociais menos favorecidas, isto é, com um nível baixo ou nulo de escolarização. Todavia, não são raros os casos de falta de concordância, quer nominal quer verbal, na fala dos usuários da chamada

Norma Culta, embora estes não admitam esta realidade sociolinguística. Isto é verificável também nas reproduções artísticas, nomeadamente nos diálogos fílmicos do cinema nacional brasileiro, onde os casos de variação de concordância são usados apenas para caracterizar as personagens com pouca escolarização.

Nesta comunicação tentar-se-á analisar como este fenómeno linguístico é interpretado pela fala fílmica, uma reprodução da oralidade – portanto, como é representado este traço sociolinguístico nos produtos audiovisuais. Nomeadamente será analisada a fala fílmica do cinema nacional brasileiro nos vários géneros cinematográficos.

Primeiramente, será apresentado o assunto linguístico aqui considerado, isto é, a concordância, e uma breve apresentação do tipo de dados sobre os quais foi conduzida esta pesquisa, apresentando casos de concordância verbal variável (daqui em diante CVV) da primeira pessoa plural (daqui em diante 1PP), numa breve lista de filmes brasileiros. Nesta perspectiva insere-se a análise da alternância de uso entre as formas pronominais em função sujeito Nós e A gente (Daqui em diante AP), como possível causa participante na variação das marcas de concordância verbal entre verbo e sujeito com a primeira pessoa plural.

Serão também apresentados casos de concordância variável (daqui em diante CV) da primeira pessoa plural para observar em que medida a fala ficcional reproduz um traço linguístico característico dentro das variedades do Português brasileiro, isto é, o Português popular (daqui em diante PPB), contraposto à norma culta (daqui em diante NC).

A abordagem deste trabalho junta os estudos variacionistas e as ferramentas da Linguística de Corpora para tentar oferecer uma visão crítica da expressão linguística dos produtos cinematográficos no âmbito, mais amplo, da Análise do Discurso.

2. A concordância

Conforme o que afirmam Naro e Scherre (2007), a variação, isto é, a falta de concordância, pode afetar as relações morfológicas entre:

1. verbo e sujeito
2. elementos do sintagma nominal
3. predicativo e sujeito

A morfologia flexional, e, nomeadamente, a concordância entre sujeito e verbo, faz parte de um campo fecundo para a pesquisa variacionista e para a história do Português Brasileiro. No Brasil, o número significativo de estudos de variação, focados no uso variável da concordância, está ligado à

importância do tema no debate sobre a gênese da identidade linguística brasileira em oposição à europeia.

Já nos primeiros estudos da dialetologia brasileira é possível traçar as primeiras considerações assistemáticas sobre a morfologia flexional e a simplificação do sistema em relação ao número (cf. Amaral 1972 [1920]; Nascentes 1922; Teixeira 1944). A sua análise é desenvolvida por sociolinguistas que trabalham em fenómenos morfossintáticos e fonéticos e linguistas que a tentam caracterizar inserindo-a numa análise linguística mais ampla, como Lucchesi (2003), que considera tais fenómenos ligados ao processo de transmissão irregular após o contacto do português com as várias línguas africanas e indígenas que coexistiam no país americano. Naro e Scherre (2003a; 2007) analisam os fenómenos de concordância variável como tendências presentes no sistema da língua portuguesa.

2.1. A concordância variável no PB

Vários estudos atestaram o carácter variável da concordância verbal no PB não apenas numa região, camada social específica ou na fala oral, mas sim como sendo um fenómeno transversal, potencialmente presente também na escrita (cf. Bortoni-Ricardo 1985; Lemle, Naro 1977; Zilles, Maya, Silva 2000).

Naro (1981) escreve que haveria no PB, e mais especificadamente no PPB, uma tendência progressiva à perda da flexão número-pessoal nos verbos à base da concordância. Esta tendência prefigura-se, na opinião do autor, no sistema da língua portuguesa e acentua-se na realidade linguística brasileira. Dito de outra forma, a simplificação da morfologia verbal seria o reflexo da deriva secular das línguas indo-europeias (ver também Naro, Scherre 2007).

Pelo contrário, Silva (2005) escreve, na sua tese de doutoramento, que a ausência de concordância no PPB não tem origem no português arcaico, mas é o produto de uma erosão das estruturas devido a fatores externos – mistura linguística e transmissão irregular.

Corroborando o posicionamento de Silva (2005), Araújo (2012) explica que a concordância verbal variável representa um dos aspetos salientes da realidade linguística bipolarizada do PB: a variação morfossintática flexional e verbal reflete o processo social e histórico de constituição do PB em que a língua das elites minoritárias se opõe à língua de um enorme grupo formado pela maioria do povo brasileiro, com um nível de escolarização baixo ou nulo. É aqui que se desenvolve a bipolarização sociolinguística do PB (cf. Lucchesi 2001; Lucchesi *et al.* 2009).

2.2. O estigma da CV

É por esse mesmo motivo que, no diassistema linguístico brasileiro, a falta de marcas explícitas de concordância é um fator altamente estigmatizado – pode

até dizer-se, um verdadeiro estereótipo sociolinguístico ligado às camadas mais desfavorecidas da sociedade brasileira, ao longo de toda a história do país. Como escreve Lucchesi (2009, p. 31):

[N]o cenário polarizado da formação histórica da realidade linguística brasileira, o contato entre línguas afetou diretamente a formação dos padrões coletivos de fala da maioria da população do país e só indiretamente a fala das classes economicamente privilegiadas, tradicionalmente chamada de norma culta. E os mecanismos gramaticais em que os efeitos do contato linguístico são mais notáveis são exatamente os mecanismos da concordância nominal e verbal, de modo que a falta de concordância constitui a grande fronteira sociolinguística da sociedade brasileira. (Lucchesi 2009, p. 31)

É importante aqui lembrar que Norma culta e a de prestígio não são a mesma coisa já que a etiqueta Norma culta está ligada à alta escolaridade¹.

2.3. A concordância verbal variável (CVV)

Das três possíveis variações na concordância, é apenas apresentada, nesta comunicação, a variação na concordância verbal (CVV). A quase totalidade dos estudos realizados sobre a CVV mostra a importância das variáveis 1) saliência fônica, 2) paralelismo formal, 3) posição do sujeito em relação ao verbo, 4) explicitude do sujeito e outros fatores externos como idade dos falantes, grau de escolarização e gênero. Como afirma Baxter (2009b, p. 322) a saliência fônica “contempla a saliência da oposição singular/plural do verbo [e] foi introduzida nas análises do PB por Naro e Lemle (1977), para avaliar a hipótese de que os verbos com uma maior oposição morfofonológica singular/plural apresentariam um maior grau de concordância sujeito-verbo” (cf. Naro 1981; Baxter 2009a, 2009b). Aliás, os contrastes morfofonológicos

¹ É necessário frisar que as etiquetas Norma Culta e Norma de Prestígio têm um valor altamente politizado. É por este motivo que seria melhor usar apenas etiquetas sociolinguísticas como *standard*, *neo-standard*, *sub-standard* para diferenciar as variedades sociolinguísticas do PB. Assim sendo, seria possível identificar a Norma-Padrão (conjunto de regras linguísticas que tem a tradição literária, portanto a modalidade escrita, como padrão de referência) com a variedade *standard*. A Norma Culta, como já foi dito no texto, é ligada ao processo de escolarização, isto é, trata-se dos falares urbanos utilizados por aquela parte da sociedade que desfruta de maior prestígio social, cultural e político - geralmente mais associados à tradição literária ou, mais em geral, à modalidade escrita. As normas urbanas de prestígio representam um conjunto que engloba a Norma Culta. Quando se fala em Norma Culta, refere-se à cultura institucionalizada, ou seja, as camadas que utilizam essa variedade linguística são aquelas que apresentam um maior grau de escolaridade. A Norma de Prestígio ou Variedades Urbanas de Prestígio, isto é, faladas pelas camadas sociais médias-altas, pode ser identificada com a variedade *neo-standard* da língua da mesma maneira é possível identificar na Variedade Popular uma das possíveis variedades *sub-standard* faladas pelo Brasil.

tendem a favorecer a concordância entre sujeito e verbo; pelo contrário, os traços menos marcados desfavorecem-na.

O paralelismo formal explica como a parte precedente do texto/fala influencia a parte sucessiva da produção. Dito de outro modo, se o falante usa a forma pronominal *A gente* numa oração, é muito provável que use a mesma forma sucessivamente. No que se refere à posição, pode dizer-se que o sujeito anteposto ao verbo e o sujeito subentendido favorecem a concordância. Por outro lado, o verbo anteposto ao sujeito e o sujeito expresso não favorecem a concordância. Importante também é a explicitação do sujeito, dado que alguns tipos de sujeito podem levar a uma maior aplicação de marcas de 1PP nos verbos: “Sujeitos não realizados foneticamente, ou seja, sujeitos desinenciais ou nulos, podem levar a maior realização do morfema número-pessoal de plural nos verbos, pois passam a atuar como única forma de identificação da pessoa do discurso” (Rúbio 2012, p. 150). Outro ponto importante no estudo da CVV é a posição do verbo em relação ao sujeito (explícito): a tendência principal prevê uma falta de concordância quando sujeito e verbo não estão adjacentes e com a posposição do sujeito, a falta de concordância verbal é mais provável.

Segundo Bortoni-Ricardo (1985), sujeitos do tipo nulo ou desinencial influenciam positivamente a aplicação de marcas de 1PP nos verbos, se considerados em oposição a sujeitos explícitos. Para além da questão fonética, é importante também considerar o aspeto dos verbos e contextos complexos, isto é, as formas verbais como, por exemplo, o infinitivo pessoal e o futuro do subjuntivo (ou conjuntivo em PE).

2.4 Nós e A gente

Na sua gramática, Castilho afirma que a expressão *A gente* “penetrou no quadro dos pronomes pessoais, funcionando basicamente como nós” (Castilho 2010, p. 478) e que há diferenças discursivas no uso do pronome *Nós* e na forma pronominalizada *A gente*: “nas sentenças² que funcionam como figuras das narrativas, isto é, em seu nó dramático central, predomina nós; nas sentenças de fundo (= atividades, comportamentos, costumes, opiniões e generalizações), predomina a gente” (Castilho 2010, p. 478). A variação pronominal da 1PP entre *Nós* e *A gente*, como muitos fenómenos linguísticos variáveis, não é devidamente registada nas gramáticas tradicionais. Algumas gramáticas nem sequer mencionam o uso, ao passo que outras registam a expressão pronominal ainda com certa cautela (Pacheco 2018).

² O autor usou este calque no lugar de “oração”.

A alternância das formas nós e a gente, representando a primeira pessoa do plural, é de uso comum entre os falantes no Brasil. A gramática normativa, entretanto, por raramente explicar fenômenos já consagrados na língua falada, apresenta, ainda, incoerências quanto à classificação e inserção da forma a gente no sistema de pronomes pessoais e considera o pronome nós como mero plural de "eu" [...]. (Lopes 1998, p. 1)

Na gramática de Bechara (2004), o pronome A gente é citado, mas o seu uso é associado a contextos de informalidade:

O substantivo gente, precedido do artigo a e em referência a um grupo de pessoas em que se inclui a que fala, ou a esta sozinha, passa a pronome e se emprega fora da linguagem cerimoniosa. Em ambos os casos o verbo fica na 3ª pessoa do singular (Bechara 2004, p. 166)

Na gramática tradicional de Cunha e Cintra (1984), a expressão A gente aparece como uma fórmula de representação da 1PP. Também nesta obra, o seu uso é restrito aos contextos coloquiais. É ainda importante lembrar que A gente também aparece como impessoal ou indeterminado (ver Faraco, Moura 2002, p. 287). Todavia, o uso de A gente não é apenas em contextos orais e mais informais, sendo mesmo utilizada em contextos mais monitorizados e formais, como afirmam Pacheco (2018), Brustolin (2010), Santos, Costa, Silva (2011).

Como afirma Pacheco (2018), no que diz respeito à escrita, o uso da forma pronominal A gente está mais ligado ao gênero textual - como o da publicidade, que se aproxima mais do interlocutor e da sua forma de se expressar. Portanto, segundo Zilles (2007), A gente parece não ser estigmatizado porque tem uma frequência de utilização elevada no Brasil, começando a fazer parte da NC: ‘pode ser identificado em práticas sociais ligadas a determinados gêneros textuais’ (Pacheco 2018, p. 230) – isto é, literatura infantil, textos publicitários, correspondência e, de maneira geral, textos que usam um registo linguístico não formal.

Como as gramáticas normativas não descrevem propriamente a língua falada, é necessário procurar gramáticas descritivas e pesquisas linguísticas que expliquem melhor como funciona a alternância pronominal da primeira pessoa do plural no português brasileiro. Neves (2000, 2008, 2009) ilustra o fenômeno de alternância entre Nós e A gente como típico do português brasileiro³ e como, num processo de gramaticalização, da mesma forma que

³ Lucchesi (1994, pp. 18-26) propõe três conceitos distintos de norma: a norma padrão, a norma culta e a norma popular. A norma padrão é o standard, a norma ideal prescrita pela gramática tradicional. A norma culta é, a variedade de língua utilizada pelos falantes cultos “de nível superior completo e antecedentes biográfico-culturais urbanos dos segmentos mais favorecidos da sociedade” (Pacheco 2018, p. 231). A norma vernácula seria a língua falada pelas classes dominadas, estigmatizadas e não escolarizadas. Bagno (2005, 2003) considera uma divisão entre

Nós, a expressão A gente também pode referir-se ao indivíduo que fala (a gente=eu) (Neves 2008, p. 529). Segundo a autora, (2008, pp. 509, 521), a característica principal dos pronomes pessoais é a de serem palavras (i) fóricas – quando assumem referência no uso, isto é, retomando passagens anteriores do texto (seja escrito seja oral) ou indicando traços específicos do turno conversacional – e (ii) exofóricas, quando é preciso recorrer ao contexto extralinguístico (quem fala e a quem o falante dirige com a sua fala). Trata-se, em outras palavras, da função interacional e da função textual da língua (Pacheco 2018).

Neves (2009, pp. 39-40) explica a variação pronominal de primeira pessoa do plural através do processo de gramaticalização, que é um processo da mudança linguística. Para isso, utiliza exemplos diferentes do uso de A gente:

1. Historicamente “legítimo”

Diligente e decidida é quase toda a gente desta região, mas também é um tanto intolerante, ainda pouco civilizada.

2. “Tolerável” na linguagem coloquial

Bem, a gente depois combina.

3. “Proscrito”

Eu disse: a gente podemos enforcar, que isso não vale nada.

É fácil de perceber que a expressão lexical A gente originalmente significasse uma terceira pessoa e a referência fosse totalmente indeterminada (‘legítimo’). Posteriormente houve uma mudança linguística em que A gente alargou o seu âmbito de uso sendo empregado como pronome de primeira pessoa do plural (‘tolerável’), ainda não totalmente gramaticalizado, nomeadamente se se considerar que a expressão ‘A gente vamos’ tem um valor social muito específico no PB e, portanto, não é um traço gradual das variedades linguísticas do Brasil. Esse caso é estigmatizado e ‘proscrito’ (como também ‘Nós vai’) já que há estigma por parte do falante e é resultado de uma estratificação social maior.

Além de Neves (2008), Castilho (2010, pp. 207, 439) também descreve esse fenómeno linguístico na sua gramática e afirma que há substituição de Nós por A gente tanto no português brasileiro popular como no português brasileiro culto (portanto na NC). Mais adiante (2010, p. 477) ressalta que A gente se troca com Nós nos mesmos contextos. Dessa forma, Castilho (2010, p. 477) fornece resultados variacionistas que contribuem para a discussão de

norma padrão, variedades cultas e variedades populares; a estas acrescenta as variedades prestigiadas e estigmatizadas, etiquetas que refletem características sociolinguísticas e políticas de uma comunidade.

que não se trata de uma simples substituição de uma forma por outra, independente de tudo, mas de uma variação condicionada por fatores linguísticos e sociais (variação diamésica, diafásica e diastrática).

Assim, a expressão pronominal *A gente* aparece junto com os outros pronomes pessoais numa reconfiguração do quadro pronominal brasileiro, ainda que seja registada apenas como pertencente ao português brasileiro informal, mesmo sendo conhecido que a expressão existe também no português mais formal.

No seu trabalho, Figueiredo Silva (1998), ao referir as inovações morfológicas no PB, escreve que a morfologia da 1PP está a extinguir-se em relação às mudanças ocorridas no sistema pronominal do PB e, é por isso que há uma redução do sistema das desinências verbais: de um paradigma pleno com seis formas verbais, uma por cada pessoa gramatical, o PB estaria a passar por um processo de redução da morfologia flexional (Mattos, Silva 2002, p.305). Segundo Rúbio (2012), o apagamento da primeira pessoa do plural representa, para alguns pesquisadores, um fenómeno típico das comunidades rurais e urbanas (cf. Bortoni-Ricardo 1985).

3. A CV e o cinema nacional

Uma vez apresentado o quadro linguístico e sociolinguístico em que se move o debate sobre a CVV (concordância verbal variável), passa-se aqui a demonstrar como estas dinâmicas sociolinguísticas são apresentadas, ou melhor, recriadas na fala fílmica. A fala fílmica representa, de maneira fiável, este fenómeno linguístico apresentando uma proporcionada distribuição das formas *Nós* e *A gente* nos diálogos? Há nos diálogos do cinema nacional casos de falta de concordância verbal do tipo “*Nós vai*” ou “*A gente vamos*”? Recorde-se aqui, mais uma vez, que embora haja casos ainda não atestados cientificamente, de falta de concordância também na fala dos utilizadores da chamada NC, o apagamento das marcas de concordância, quer no SN (sintagma nominal) quer no SV (sintagma verbal), é considerado como um fenómeno de diferenciação social, sendo fortemente estigmatizado. Ainda assim, como afirmam Vieira e Pires (2012), a CV pode ser vista como uma marca característica de determinados registos linguísticos do PB.

Os dados de referência foram extraídos de 15 filmes brasileiros (Tabela 1) escolhidos a partir dos produtos audiovisuais que compõem o *Corpus I-Fala* (De Rosa *et al.* 2017). O corpus *I-Fala* encontra-se ainda em fase de construção e prevê a transcrição dos diálogos de acerca vinte filmes portugueses e vinte filmes brasileiros; todos produzidos ao longo dos últimos trinta anos.

FILMES URBANOS	FILMES NO SERTÃO	FILMES “FAVELADOS”
A guerra dos Rocha (comédia – 2008)	À beira do caminho (drama – 2012)	Verônica (drama e ação – 2009)
Caixa dois (comédia – 2007)	Árido movie (drama/comédia – 2006)	Cidade de Deus (drama – 2002)
Muito gelo e dois dedos de água (comédia – 2006)	Central do Brasil (drama – 1998)	Cidade dos homens (drama – 2007)
Se eu fosse você (comédia – 2006)	Cinema, aspirinas e urubus (drama e ação – 2005)	Última parada 174 (drama – 2008)
Pequeno dicionário amoroso (drama – 1997)	Abril despedaçado (drama – 2002)	Alemão (drama e ação – 2014)

Tabela 1
 Corpus fílmico.

Como mostra a tabela 1, os produtos audiovisuais escolhidos são dramas e comédias ou produtos intermédios entre os dois gêneros ou, ainda, dramas com muitas cenas de ação. A lista dos filmes que compõem o corpus foi pensada de modo a ter um quadro o mais indicativo possível da produção cinematográfica brasileira, embora não exaustivo. Por outras palavras, foram escolhidos filmes de modo quase aleatório a não ser para uma subdivisão paritária entre ‘o pano de fundo’ dos quinze filmes. Cinco filmes apresentam histórias urbanas de camadas sociais médias-altas, que se desenrolam principalmente na área urbana do Rio de Janeiro. Cinco filmes são definidos como ‘Sertão movie’, pois apresentam histórias acontecidas nas áreas do nordeste sertanejo ou que estão, de qualquer modo, relacionados com esse ambiente. O sertão nordestino tem sido palco de várias representações artísticas, muitas das quais contribuíram para o estereótipo dessa realidade geográfica semiárida, muitas vezes retratada como um espaço mítico e rígido. Uma imagem icônica da miséria e atraso dessa região que se expressa nesse subgênero do cinema nacional. Os outros cinco filmes são do gênero ‘Favela movie’. A favela é o espaço artístico de uma cinematografia não homogênea, que vai da denúncia até a pesquisa estética sem reflexões subsequentes. Estes filmes são um subgênero de filmes que contam a violência, o tráfico de drogas e a vida daqueles que vivem nos micromundos das favelas.

O cinema brasileiro desses subgêneros é caracterizado, do ponto de vista linguístico, pela inclusão de características sub-standard no discurso fílmico que atestam um processo de mudança e estabilização das variedades urbanas (e a afirmação do PPB fora da realidade urbana). No processo de reconstrução da fala, a produção brasileira expressa o que pode ser definido como um fenômeno que vê a presença da NC de um lado e as variedades de fala do outro (no seu *continuum* que vai do urbano ao rural).

1. Se liga, hein. Depois nós vai desenrolâ, eu e você. (Alemão)
2. Tô ligado legal, Playboy, e os outroØ nós descobre, mole, mole. (Alemão)
3. Nós tamô aqui por causa dele. Nós vamô morrer aqui por causa dele. Nós vamô morrer aqui por causa dele. (Alemão)
4. Vai jogar fora tudo que nós conquistamos por causa dessa piranha, meu irmão? (Cidade de Deus)
5. Vai nós dois e mais três molequeØ aí falou? (Cidade de Deus)
6. Quando a gente tomar o morro lá de volta, tu vai tirar onda também. (Cidade dos homens)
7. A gente é amigo desde a infância. (À beira do caminho)
8. Nós podíamos sair para fazer umas comprinhas...Vem encontrar com a mamãe. (Se eu fosse você)
9. Eu tive uma ideia. Nós vamos nos separar e procurar por ela. (A guerra dos Rocha)
10. É que hoje nós vamos demitir 600 pessoas e a notícia vazou... (Caixa dois)

Os exemplos acima expostos (1-10) querem apenas provar quanto afirmado anteriormente. Há na construção da fala fílmica uma partição linguística finalizada à criação da personagem. Em outras palavras é possível afirmar que a personagem ficcional numa camada baixa ou meio-baixa fala o PPB, ao passo que o a personagem numa camada alta ou meio-alta fala principalmente a NC. Nos exemplos 1- 7 é possível reparar em traços típicos do PPB, nomeadamente a CV e o uso ‘tolerável’ da expressão pronominal A gente com função sujeito. Em todos estes casos as personagens que produzem estes enunciados são favelados, ou de todo modo incluíveis numa camada baixa da sociedade brasileira. Ao passo os exemplos 8 – 10 apresentam um PB reconhecível como NC.

3.1 Nós e A gente na fala fílmica

Com base em Rúbio (2012) e Naro, Gorski e Fernandes (1999), foram analisadas, para a AP da 1PP com função sujeito, as ocorrências de Nós e A gente em forma explícita e implícita (Tabela 2). Foram também incluídas nesta análise as formas de Nós implícitos e explícito, tomando como pronome implícito as formas Ø com verbo em -mos e -mô, e as ocorrências com verbo 3PS (falta de concordância). Ficou definido procurar todos os casos de “nós” em forma explícita e implícita, excluindo os casos em que o dito pronome fazia parte de textos específicos como orações ou súplicas religiosas, fórmulas como *vambora* e em fórmulas sintáticas do tipo [sujeito + é que + verbo concordado]. As formas encontradas, e que foram avaliadas como ocorrências de concordância, foram: Nós explícito (-mos; -mô). A forma

pronominal *A gente* foi analisada só na sua forma explícita, pois a forma implícita deste pronome não é contemplada em análise nenhuma.

Consoante a literatura científica neste âmbito, é possível que existam dois processos que determinam o uso da forma não padrão, isto é que não entram na NC: um fonético (o apagamento do /s/) e o outro morfossintático, que determina a variação de aplicação da regra de concordância verbal. Vários estudos confirmam o apagamento do /s/ final (cf. Guy, 1981; Scherre, 1996) e várias investigações confirmaram a tendência dos falantes em evitar palavras proparoxítonas seguindo, portanto, o propensão geral de usar palavras planas. A tabela 2 apresenta os resultados da pesquisa sobre o corpus aqui selecionado. Nos filmes analisados foram procuradas todas as formas pronominalizadas referentes à 1PP, isto é, todas as ocorrências de *Nós* e *A gente*. Assim, foram procurados primeiramente as ocorrências do pronome *Nós* e da expressão pronominal *A gente* nos quinze filmes, dividindo, num primeiro momento, os casos de *Nós* explícito dos casos em era subentendido (cf. De Rosa 2016, 2017). O que sobressalta dos dados apresentados na tabela 1 (a seguir) é a diferença entre o número de ocorrências do pronome *Nós* (seja expresso, ou pleno, seja não expresso, ou nulo) e número de ocorrências da forma pronominal *A gente*. Dado interessante que contrasta com a quantidade de *Nós* não expresso, traço típico do PB standard e não da NC, isto é, o neostandard que se declina nas várias normas urbanas (a este propósito veja-se De Rosa 2016, 2017). A proximidade da fala fílmica à fala espontânea, reconhecível no alto número de ocorrências da expressão *A gente*, deveria ir juntamente com um alto número de *Nós* expresso – traço típico do neostandard, e, portanto, da NC. Estes dados, portanto, confirmam a natureza artística da fala fílmica que deve ser estudada em quanto reprodução filtrada pela mão do realizador (cf. De Rosa 2012).

Seguidamente, as várias ocorrências foram divididas pelos três gêneros individuados para detetar eventuais diferenças entre os três grupos aqui escolhidos para representar a NC (principalmente o neostandard urbano) e o PPB do sertão e das favelas.

Nº ocorrências	Nós		A gente
	Pronome expresso	Pronome não expresso	
À beira do caminho	0	6	12
A guerra dos Rocha	20	46	18
Abril despedaçado	11	4	1
Alemão	26	11	59
Árido movie	7	38	46
Caixa dois	16	29	30
Central do Brasil	3	7	21
Cidade de Deus	10	34	45
Cidade dos homens	3	7	20
Cinema aspirinas e urubus	3	15	6
Muito gelo e dois dedos de água	5	6	46
Pequeno dicionário amoroso	2	4	32
Se eu fosse você	20	7	42
Última parada 174	10	17	23
Verônica	4	4	17
Total	140	235	418

Tabela 2
Ocorrências Nós/A gente.

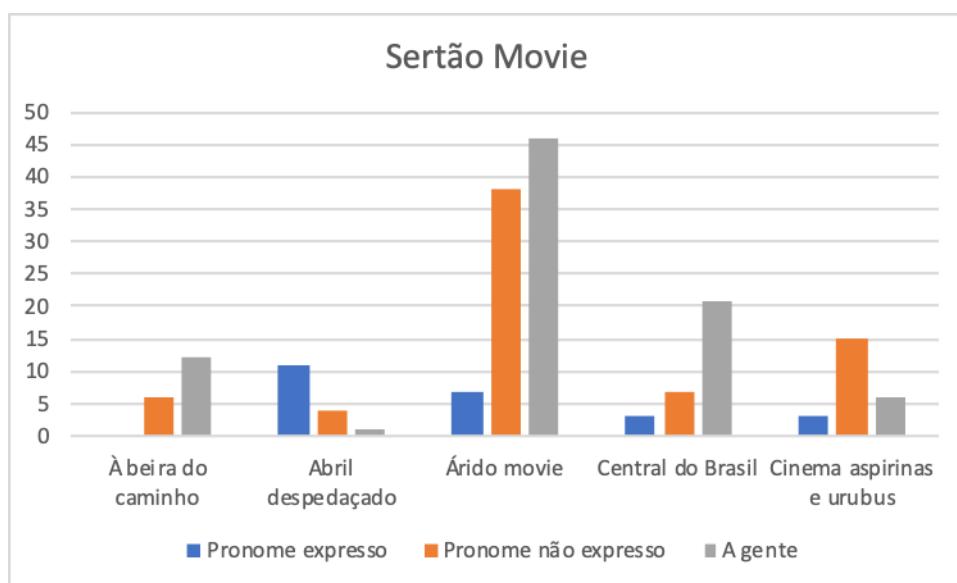


Gráfico 1
Distribuição dos pronomes nos Sertão Movie.

Como mostra o gráfico 1, Nos ‘Sertão movie’, as ocorrências mais interessantes são as da expressão pronominal A gente e as ocorrências de Nós pronome nulo. De um modo geral, a expressão A gente não supera a forma ‘prescrita’, isto é, o pronome Nós, mas parece em concorrência com ela (excluindo o filme Abril Despedaçado porque os números da forma A gente são baixos). A fala fílmica destes filmes parece confirmar o que já foi desenvolvido pela literatura neste âmbito. Aliás, estes dados ficcionais poderiam ser avaliados como ulterior confirmação de quanto apresentado nas várias pesquisas sociolinguísticas acerca da AP entre Nós e A gente.

Nos ‘Favela movie’ aqui analisados (ver Gráfico 2), parece haver uma inversão com um número mais alto de A gente no lugar de Nós. Lembremos que se trata de dados indicativos, pois o número de filmes analisados é bastante pequeno – quer-se aqui apenas evidenciar uma diferença entre os vários gêneros fílmicos e a representação de factos linguísticos pelos filtros socioculturais à base da produção cinematográfica.

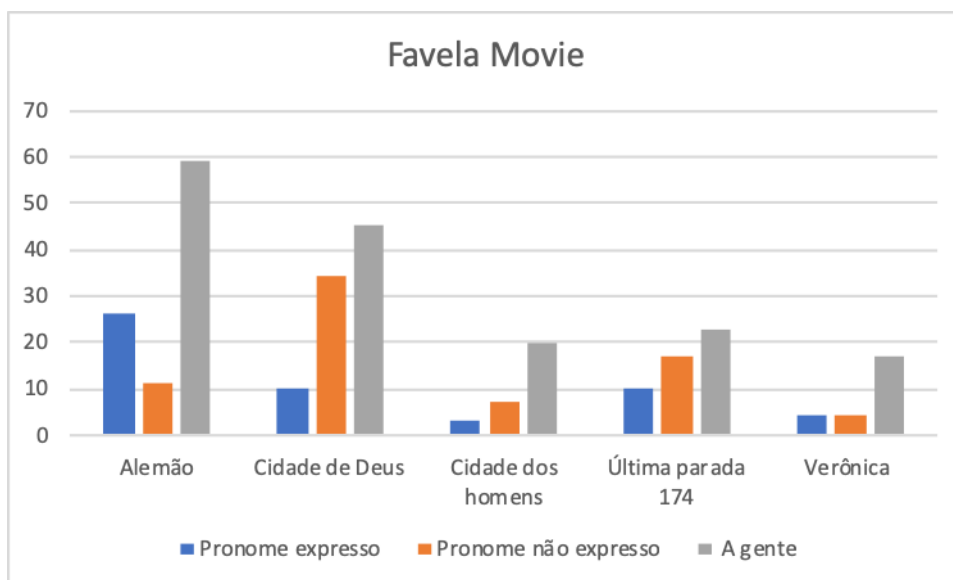


Gráfico 2
Distribuição dos pronomes nos Favela Movie.

Contudo, parece bastante interessante a diferença entre os ‘Sertão movie’ e os ‘Favela movie’; quase como se a expressão pronominal A gente representasse mais a variedade sociolinguística falada pelas camadas sociais que moram nas favelas ou um registro informal. Portanto, um uso maior da forma A gente nestes filmes tornaria a fala fílmica mais próxima da ideia que quem não fala a NC usa mais a expressão A gente. É importante frisar aqui o valor meramente indicativo destas deduções e a necessidade de ulteriores investigações para averiguar um eventual preconceito linguístico deste tipo.

O gráfico 3 continua mostrando uma concorrência entre a expressão pronominal A gente e o pronome Nós não expresso (nulo).

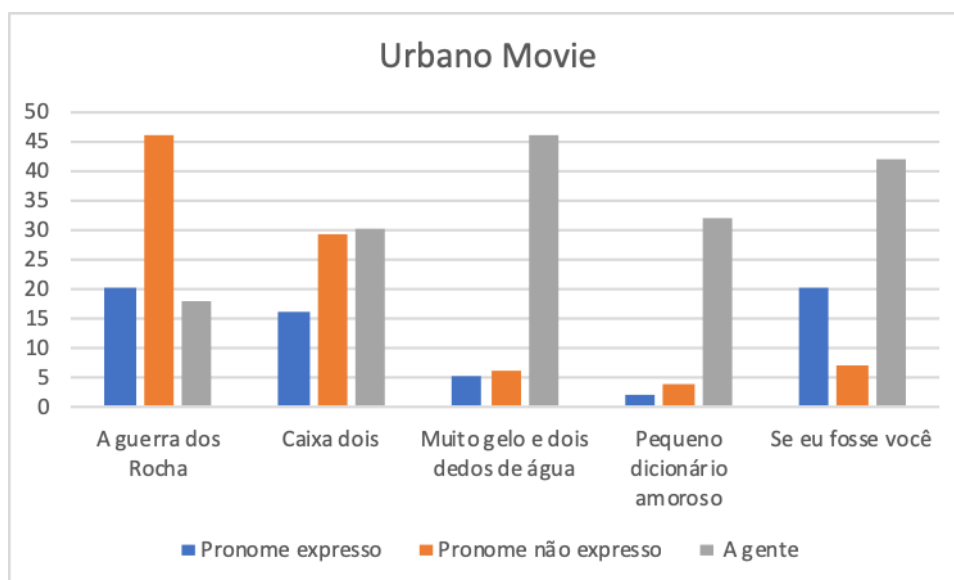


Gráfico 3
Distribuição dos pronomes nos Urbano Movie.

Nos filmes designados de ‘Urbano movie’ existe um número de ocorrências elevado para a forma pronominal nula e da expressão pronominal A gente. Também neste caso as formas de Nós expesso ou não expesso são em concorrência com as formas de A gente. No filme Caixa Dois a concorrência é, mais uma vez, entre a forma A gente e a forma do pronome nulo. Nestes filmes parece difícil encontrar algo em que os cinco filmes sejam semelhantes: no filme A guerra dos Rocha o número de pronomes não expesso, ou nulos é tão alto que aproxima a fala deste filme à fala teatral (cf. De Rosa 2017). Igualmente acontece com o filme Caixa Dois em que a concorrência entre a forma A gente e o pronome nulo leva quase a um número de ocorrências igual. A tendência muda com o filme Se eu fosse você onde em concorrência há a forma do pronome expesso, ou pleno, típica da variedade neostandard (e, portanto, da NC das variedades urbanas) e a forma A gente.

Concluindo esta parte e para obter uma visão mais clara do uso pronominal explícito, isto é, do pronome pleno em contraste com a forma nula e a expressão pronominal A gente, foram investigadas apenas as ocorrências do Nós pleno e nulo (veja-se o gráfico 4).

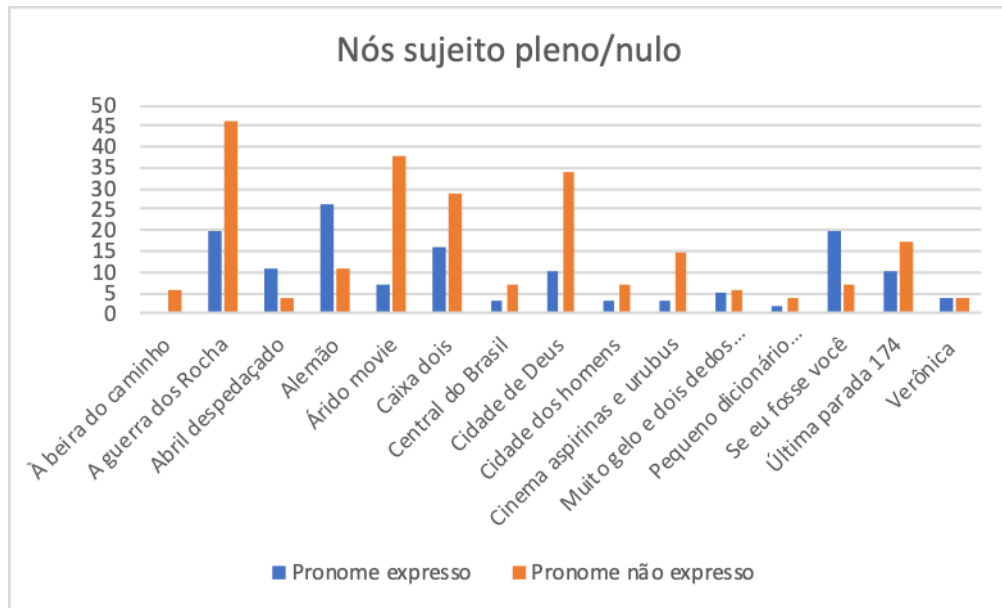


gráfico 4
Distribuição dos pronomes plenos e nulos.

como é possível ver no gráfico do gráfico 4 que expõe apenas as formas expressas e não expressas do pronome, nos quinze filmes: a formas nula supera a sua alternativa expressa. A seguir é apresentado o gráfico com os casos em que o pronome é expresso e os casos em que este não expresso.

Tendo em conta os pormenores desta concorrência, nos filmes aqui selecionados, é possível sugerir que a variação de uso na fala fílmica não é ligada ao gênero fílmico. Em filmes de subgêneros diferentes como *Árido movie* e *Verônica*, um ‘Sertão movie’ e um ‘Favela movie’, assim como em *Muito gelo e dois dedos de água*, um ‘Urbano movie’, não há uma variação pronominal que permita identificar escolhas estilísticas particulares para recriar uma ‘cena’ sociolinguística específica. Ao contrário, parece manter-se aqui uma maior proximidade da fala fílmica ao standard linguístico.

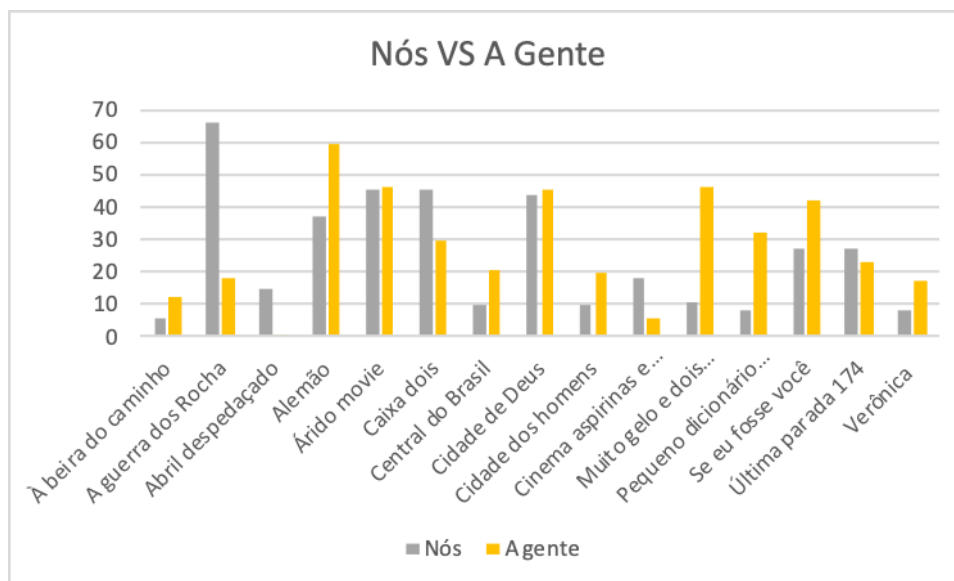


Gráfico 5
Distribuição dos pronomes.

No que diz respeito à concorrência entre o pronome Nós e a forma pronominal A gente, através dos dados anteriormente apresentados nos gráficos anteriores e no gráfico 5, é possível afirmar que, a concorrências entre a forma pronominal Nós e a expressão pronominal A gente é independentemente do gênero fílmico.

3.1.1. A CVV nos filmes

Procurando, ainda, os casos de falta de concordância verbal, a pesquisa teve em consideração as quatro possibilidades: as atribuídas à Norma Culta e as proscritas. Assim sendo, foram pesquisadas no corpus fílmico as quatro possibilidades com o verbo IR:

1. Nós vamos (legítimo)
2. A gente vai (tolerável)
3. Nós vai (proscrito)
4. A gente vamos (proscrito)

	Nós vamos	A gente vai	Nós vai	A gente vamos
À beira do caminho	0	2	0	0
A guerra dos Rocha	10	6	0	0
Abril despedaçado	1	0	3	0
Alemão	8	10	5	0
Árido movie	1	12	0	0
Caixa dois	11	11	0	0
Central do Brasil	0	3	0	0
Cidade de Deus	3	14	0	0
Cidade dos homens	0	9	1	0
Cinema aspirinas e urubus	0	2	0	0
Muito gelo e dois dedos de água	4	13	0	0
Pequeno dicionário amoroso	0	9	0	0
Se eu fosse você	7	5	0	0
Última parada 174	1	7	2	1
Verônica	4	6	0	0

Tabela 3
 A CVV nos filmes

Como é possível verificar, a concorrência principal nestes dados ficcionais é entre Nós e A gente, isto é, entre a forma legítima e a tolerável; ao passo que a forma composta pelo pronome da primeira pessoa plural e um verbo na terceira pessoa singular (Nós vai) está presente apenas com 11 ocorrências, 8 das quais estão nos 'Favela movie'. A gente vamos, ou casos similares com A gente e o verbo em concordância com a primeira pessoa plural, têm apenas um caso num filme encenado na favela. O gráfico da figura 6 permite uma melhor individuação das várias formas presentes na pequena lista de filmes aqui analisados. Aqui, os três subgêneros foram divididos para discriminar eventuais diferenças entre os vários filmes.

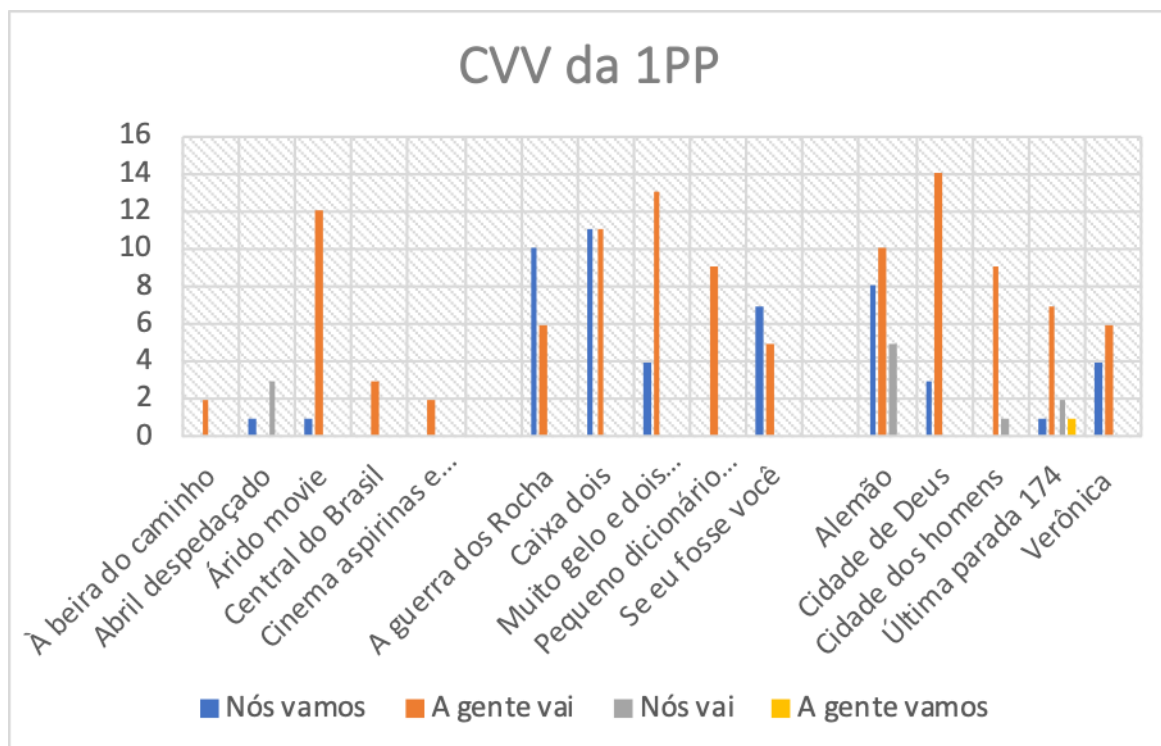


Gráfico 6
A distribuição da CVV nos filmes

Assim sendo, é possível afirmar que a fala fílmica entra nos pormenores do PPB numa percentagem bastante baixa. Com isto quer-se propor que traços estigmatizados como a CVV sejam desfrutados pelos roteiristas e pelos atores, durante a própria *performance* cenográfica, não numa percentagem não realística, mas sim indicativa dos “hábitos” linguísticos da personagem recriada. Para além do contraste aqui proposto entre os filmes que tem como pano de fundo o sertão e os que tem como ambientação a favela, seria interessante confrontar a diferença PPB/NC com base e dados espontâneos.

4. Concluindo

Pode concluir-se esta pesquisa com algumas reflexões, partindo-se de questões mais gerais: a língua é heterogênea, isto é, não é falada da mesma maneira por todos os membros de uma comunidade, por isto falamos em variantes e variáveis. Um bom exemplo de variável linguística é representado pela concordância entre verbo e sujeito, isto é, um fenómeno variável que se realiza através de duas possibilidades alternativas e semanticamente equivalentes: a marca da concordância no verbo ou a sua ausência. Uma variável é concebida como dependente no sentido em que o uso de uma variante não é aleatório, mas está ligado a um conjunto de fatores (variáveis) independentes, de natureza social ou estrutural. Na alternância entre o

pronome Nós e a forma pronominal gramaticalizada A Gente há uma coocorrência e uma concorrência de uso. Mesmo que o pronome da primeira pessoa plural continue a ser usado, a forma pronominalizada A gente ganha mais terreno.

Os estudos sociolinguísticos provaram que a variação atual da concordância variável não é apenas um fenómeno encontrado na fala das camadas populares, mas também na fala não monitorizada das camadas de prestígio socioeconômico. Contudo, é ainda um fenómeno estigmatizado e visto pelo público como um “erro” linguístico de quem não sabe falar e não tem escolarização.

O facto de o público associar este fenómeno linguístico apenas às camadas populares é bem representado pela fala fílmica destes produtos cinematográficos, onde as ocorrências de concordância variável verbal apresentam um valor baixo e apenas para identificar favelados ou personagens do nordeste brasileiro. No processo de reconstrução da fala, a produção brasileira exprime o que pode ser definido como um diassistema em que há uma distância entre a norma padrão, por um lado, e as variedades de fala, por outro, num *continuum* que vai da fala da NC das camadas mais privilegiadas até a fala urbana e rural. Este aspeto da língua é bem testemunhado pela fala fílmica que reproduz de maneira bastante realística o que está a acontecer na língua brasileira. É importante aqui notar que os textos fílmicos analisados apresentam um uso do pronome Nós maior do que acontece no PB espontâneo, seja norma culta, seja norma popular.

Quando se fala de produtos audiovisuais, que retratam a realidade do dia a dia de maneira verossímil, as necessidades artísticas do realizador, de propor a sua visão ao público, juntam-se com a análise dos fenómenos linguísticos ou melhor, com a consciência metalinguística do público. Muitas vezes as exigências comunicativas dos filmes, para que o público possa perceber logo as personagens e os seus papéis, fazem com que haja uma hiper-conotação dos traços reais linguísticos: para que a personagem seja bem distinta das outras personagens (por exemplo, no caso de um favelado, a sua fala será marcada por muitos traços não padrão). Trata-se de “personagens exemplares, na medida em que são criadas para enfatizar alguma coisa” (Nery, Camocardi 2005, p. 105). Para alcançar este objetivo artístico e comunicativo, isto é, a passagem de informação geral do autor para o público, a CV, seja nominal seja verbal, é um dos estratagemas mais utilizados, como se tentou demonstrar com este trabalho.

Nota biográfica: Francesco Morleo obteve o título de Doutor em LINGUE, LETTERATURE E CULTURE MODERNE E CLASSICHE, com especialização e Língua e Linguística Portuguesa na Università del Salento (Lecce - Itália), em cotutela

com a Universidade de Lisboa (FLUL). Ensina Língua e Tradução Portuguesa e Brasileira na Università del Salento (Lecce), Università G. d'Annunzio (Chieti-Pescara) and Università degli studi di Napoli L'Orientale (Napoli). Participou de vários congressos nacionais e internacionais. As suas áreas de investigação são: a sintaxe funcionalista, a pragmática contrastiva e a Linguística de Corpora para o ensino e a aprendizagem do PLE. Colaborou na organização de vários eventos como o “V Simelp -Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa” (Lecce – Itália), o “V SIBE - Seminário de Estudos sobre a Imigração Brasileira na Europa” (Pescara – Itália), e o congresso “Specialised Discourse and Multimedia: Linguistic features and translation issues” (Lecce -Itália).

E-mail: francesco.morleo@unisalento.it

Referências bibliográficas

- Amaral A. 1972, *O dialeto caipira*, São Paulo, Hucitec, Apoio Instituto Nacional do Livro, Ministério de Educação e Cultura, Brasília.
- Araujo S.S. de F. 2012, A concordância verbal e sua importância para os estudos sobre a formação do português brasileiro, in “Papia” 22 (1), pp. 91-110.
- Baxter A. 2009a, *A concordância nominal* in Lucchesi D., Baxter A., Ribeiro I. (eds.), *O Português Afro-Brasileiro*, Edufba, Salvador, pp. 269-264.
- Baxter A. 2009b, *A concordância verbal* in Lobo T., Oliveira K. (eds.), *África à vista dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*, Edufba, Salvador, pp. 317-337.
- Bechara E. 2009, *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed., Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Bagno M. 2003, *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*, Parábola, São Paulo.
- Bagno M. 2005, *Dramática da língua portuguesa*, Loyola, São Paulo.
- Braga M.L. e Scherre M.M.P. 1976, *A concordância de número no SN na área urbana de Rio de Janeiro*, in *Encontro Nacional de Linguística, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, pp. 464-477.
- Bortoni-Ricardo S.M. 1985, *The urbanization of rural dialect speakers: a sociolinguistic study in Brazil*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Brustolin da Silva A.K.B. 2010, *Uso e variação de nós e a gente na fala e escrita de alunos do ensino fundamental*, in *Encontro Do Celsul, IX, 2010, Palhoça, SC. Anais*, Palhoça-SC, Universidade do Sul de Santa Catarina.
- Castilho A.T.de. 2010, *Nova gramática do português brasileiro*, Contexto, São Paulo.
- Cunha C. e Cintra L. 1984, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- De Rosa G.L. 2007, *Parlato filmico e orality: neostandard e tratti sub-standard nel cinema contemporaneo in lingua portoghese* in Russo M. (ed.) *Tra centro e periferia. Intorno alla lingua portoghese: problemi di diffusione e traduzione*, Sette città, Viterbo, pp. 61-84.
- De Rosa G.L. 2012, *Mondi Doppiati. Tradurre l'audiovisivo dal portoghese tra variazione linguistica e problematiche traduttive*, Franco Angeli, Milano.
- De Rosa G.L. 2016, *Sujeito pleno e sujeito nulo na fala fílmica brasileira contemporânea*, in Ortiz-Preuss E., Couto E. e Manuel do Nascimento Lima Ramos R. (eds.), *Múltiplos olhares em linguística e linguística aplicada*, Pontes, Campinas, pp.99-120.
- De Rosa G.L. 2017, *Il soggetto nel parlato filmico brasiliano contemporaneo*, in “Rivista di Studi Portoghesi e Brasiliani” 17, pp. 67-81.
- De Rosa G.L. 2019, *O sujeito na fala fílmica brasileira*, in Castagna V. e Quarezemin S. (eds.), *Da Linguística ao ensino: Travessias em Língua Portuguesa*, Edizioni Ca' Foscari, Venezia.
- De Rosa G.L. et al. 2017, *Corpus I-FALA, Luso-Brazilian Film Dialogues as a resource for L1 & L2 Learning and Linguistic Research*.
- Figueiredo Silva M.C. 1998, *Inovações morfológicas no português brasileiro* in Cabral L. G. e Gorski, E. (eds.), *Linguística e Ensino: Reflexões para a prática pedagógica da língua materna*, Insular, Florianópolis, p.181-198.

- Guy G.R. 1981, *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of phonology, syntax and language history*, Sydney University, Department of Linguistics, Sydney.
- Lemle M. e Naro A.J. 1977, *Competências básica do português. Relatório final de pesquisa apresentado às instituições patrocinadoras Fundação Movimento Brasileiro de Alfabetização*, MOBREAL e Fundação Ford, Rio de Janeiro.
- Lopes C.R.S. 1998, *Nós e a gente no português falado culto do Brasil*, in “DELTA” 14 [2], pp.405-422.
- Lucchesi D. 2001, *As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil* in “DELTA” 17 [1], pp. 97-130.
- Lucchesi D. 2003, *O conceito de transmissão linguística irregular e o processo de formação do português do Brasil* in Roncarati C. e Abraçado J. (eds.), *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*, FAPERJ/7 Letras, Rio de Janeiro, pp. 272-284.
- Lucchesi D., Baxter A., Alves da Silva, J.A. 2009, *A concordância verbal* in Lucchesi D., Baxter A., Ribeiro I. (eds.), *O Português Afro-Brasileiro*, Edufba, Salvador, pp. 331-371.
- Mattos e Silva R.V. 2002, *Uma interpretação para a generalizada difusão da língua portuguesa no Brasil*, in “Revista da Academia de Letras da Bahia” 45, pp. 105-126.
- Melloni A. 1996, *Faccia del “parlato-recitato” nel cinema spagnolo*, in “Lo spagnolo d’oggi: forme della comunicazione, AISPI”, Bulzoni, Roma.
- Naro A.J. 1981, *The social and structural dimensions of a syntactic change*, in “Language LSA” 57 [1], pp. 63-98.
- Naro A.J., Görski E. e Fernandes E. 1999, *Change without change*, in “Language Variation and Change” 11, pp. 197-211.
- Naro A.J., Scherre M.M.P. 1993, *Sobre as origens do português popular do Brasil*, in “DELTA” 9 [num. espec.], pp. 437-454.
- Naro A.J., Scherre M.M.P. 2003, *Estabilidade e mudança linguística em tempo real: a concordância de número* in Paiva M. da C. e Duarte M.E.L. (eds.), *Mudança linguística em tempo real*, Contra Capa, Rio de Janeiro, pp. 47-72.
- Naro A.J., Scherre M.M.P. 2007, *Origens do português brasileiro*, Parábola, São Paulo.
- Nascentes A. 1953, *O linguajar carioca*, Organização Simões, Rio de Janeiro.
- Nencioni G. 1976, *Parlato-parlato, parlato-scritto, parlato-recitato* in “Strumenti critici” 29, pp. 1-56 (ristampato in *Di scritto e di parlato*, Zanichelli, Bologna, 1983).
- Neves M.H. de M. 2000, *Gramática de usos do português*, Ed. Unesp, São Paulo.
- Neves M.H. de M. 2003, *Guia de uso do português: confrontando regras e usos*, Ed. Unesp, São Paulo.
- Neves M.H. de M. 2008, *Pronomes*, in Castilho A.T., Ilari R. e Neves M.H.M. (eds.), *Gramática do português culto falado no Brasil*, Ed. Unicamp, Campinas.
- Neves M.H. de M. 2009, *Que gramática estudar na escola?*, Contexto, São Paulo.
- Oliveira K., Soledade J., Santos V.de S. 2009, *Concordância nominal: cenas da variação em palcos do século XIX*, in Lobo T. e Oliveira, K., (eds.) *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*, Edufba, Salvador. pp. 37-49.
- Rúbio C.F. 2012, *Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu. Estudo sociolinguístico comparativo*, Cultura acadêmica, São Paulo.
- Pacheco C. 2018, *A diacronia e a sincronia dos pronomes de primeira pessoa do plural “Nós” e “A gente” no português brasileiro e no português uruguaio*, in “Revista de estudos da linguagem” [S.l.] 26 [1], p. 221-253.

- Santos N.V., Costa E.D. e Silva F.A. 2011, *O uso do “nós” e do “a gente” na escrita de estudantes universitários*, In *Fórum Identidades E Alteridades, V Congresso Nacional Educação E Diversidade, UFS – Itabaiana/SE*.
- Scherre M.M.P. 1994, *Aspectos da concordância de número no português do Brasil*, in “Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP) - Associação das Universidades de Língua Portuguesa” 12, pp. 37-49.
- Scherre M.M.P. 1997, *Concordância nominal e funcionalismo*, in “Alfa” 41 [n. espec], pp. 181-206.
- Scherre M.M.P. 1998, *Sobre a influência de três variáveis relacionadas na concordância nominal em português* in Oliveira e Silva G.M., Scherre M.M.P. (eds.), *Padrões sociolinguísticos*, Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, pp. 85-118.
- Scherre M.M.P., Naro A.J. e Cardoso C.R. 2007, *O papel de tipo de verbo na concordância verbal no português brasileiro*, in “DELTA” 23 [n. espec.], pp. 283-317.
- Scherre M.M.P., Oliveira Silva G.M. 1996 (eds.), *Padrões sociolinguísticos. Análise de fenômenos variáveis do português falado no Rio de Janeiro*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro.
- Silva A.A. da 2005, *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia*, tese de doutorado, Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador.
- Teixeira J.A. 1944, *Linguagem de Goiás*, Anchieta, São Paulo.
- Zilles A.M.S. 2007, *O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente?*, in “Letras de hoje” 42 [2], Porto Alegre, p. 27-44.
- Zilles A.M.S., Maya L. e Silva K. 2000, *A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre*, in “Organon” 14 [28/29], pp. 195-219.